

O HOMEM LIVRE

CLASS.

São Paulo, 17 de Julho de 1933

Redactor-Chefe: Geraldo Ferraz
Director-Gerente: José Pérez

ASSINATURAS:

ANO 20\$000
SEMESTRE 10\$000
NUMERO AVULSO \$200

R. S. Bento 58-2.º and. Tel. 2-3780

Ano I Nam. 8

O que é o Integralismo

Em vão folheará os livros e folhetos que o sr. Plínio Salgado vem escrevendo depois que perdeu o P. R. P., quem neles quiser encontrar, para um exame mais sério, uma orientação filosófica, princípios sociais ou políticos. Nessas lamentáveis publicações a ignorância anda emparelhada com a demagogia mais barata e a charlatanice predomina. Tudo ali são pregões de "camelot" anunciando a panacéia barata, a maravilha curativa: o "integralismo" é o remédio para tudo; a democracia, o liberalismo e o socialismo, mesmo antes de terem existido, são os culpados de tudo, a causa de todos os males que afligem a humanidade, nos tempos antigos e modernos...

Não tendo, para a realização de sua tarefa reacionária, recursos do vulto daqueles de que se serviu Hitler para mobilizar o "chauvinismo" das camadas mais densas das classes médias (a "Alemanha esmagada pelo Tratado de Versalhes"), ludibriando-as quanto aos seus verdadeiros interesses, para depois atraí-las contra as classes trabalhadoras, a posição do "Duce" indígena é de veras lamentável. Para criar a sua "mistica" ele apresenta uma série de considerações, num tom de político da "oposição" no tempo do P. R. P., que não chegam a valer as apostrofes do "homem da rua" ao enunciar os "males" causados pela "liberal-democracia" em nosso país, Plínio, com receio de comprometer o trabalho demagógico, e melindrar prováveis aderentes, usa de artifícios os mais cómicos, não chegando nunca ao fim de nenhum raciocínio. Nisto ele não quer saber de ser integral. Chega a usar o imperfeito do indicativo para as suas afirmações: "A burguesia brasileira tolerava perfeitamente todas as amoralidades e todas as imoralidades". "Estávamos em pleno regime de tolerância. Não eramos uma Nação, eramos um bordel" (sic). Será que os tempos mudaram ou o sr. Plínio já se julga dictador do Brasil?...

E tudo isso acontecia por causa da "democracia" do P. R. P., com o sr. Laudelino de Abreu e a "bastilha" do Cambuci...

O nosso "Führer" não sabe raciocinar nem com rotulos. No seu próximo livro ele, que chama o fascismo de "serviço de Deus e da Nação", vai provar certamente que as

farras do clero na Idade Média tiveram por causa a obra de Jean Jacques Rousseau e que as bacanais de Roma antiga eram uma consequência do materialismo dialético de Marx...

E sabem os leitores porque tudo é assim? "Porque — afirma Plínio — o mundo é como é e não como pretendem que seja os teóricos de tantos sistemas que desorientaram o século XIX". O mundo é como deseja o "Duce"...

Não existindo na "doutrina" integralista nenhuma orientação filosófica, social ou política, como já dissemos, torna-se impossível qualquer refutação às "idéas" contidas nas referidas publicações, mosaicos de desonestidades intelectuais e afirmações demagógicas. Contudo, é conveniente fazer-se uma referência ao ponto central de toda a "ideologia" fascista, ao "homem integral na sociedade integral".

"Realizar o homem integral" — segundo as próprias palavras do "Duce" — é proporcionar-lhe a realização de suas "justas aspirações materiais, intelectuais e morais" (desde que elas não se dirijam contra a ditadura fascista, acrescentamos nós...); a "sociedade integral" é "a sociedade funcionando harmoniosamente" (?), mantidas as classes e sobre as bases das corporações onde industriais e operários viverão fraternalmente, desaparecendo por milagre todas as contradições sociais, o desemprego, todos os males do mundo moderno...

Vemos assim que o "Estado totalitário" não constitui, em sua essência, senão uma soviadíssima promessa eleitoral: "satisfazer todas as necessidades dos cidadãos"... Quando às suas realizações basta olharmos para a Itália fascista, depois de treze anos de ditadura "integral": as prisões e as ilhas regoritam com um numero cada vez maior de homens e mulheres, que, representantes de classes sociais não tiveram as suas aspirações satisfeitas; e, paralelamente, um numero crescente de desocupados que, segundo as próprias estatísticas oficiais, longe de exprimirem a verdade, são em numero muito superior a um milhão. Nisso constitui a famosa "descoberta".



MORAL SEXUAL RACISTA

— Frida, com a cintura de castidade, será salva a fidelidade conjugal e mantida a pureza da raça ariana!

O comício da Frente Unica Antifascista na Lega Lombarda

Reuniu-se na sexta-feira, dia 14 de Julho, a Frente Unica Antifascista, que realizou, o anunciado comício contra o fascismo internacional, e suas primeiras ramificações entre nós, como o do bando de Plínio Salgado.

A sessão foi presidida por Aristides Lobo. Foi lido o manifesto da Frente Unica Antifascista, que publicamos noutra parte desta edição, e a tribuna foi ocupada sucessivamente pelos representantes das seguintes organizações coligadas:

«Brasil Novo», Frente Negra Socialista, «A Rua», União Sindical dos Profissionais do Volante, «Italia Libera», «O Homem Livre», União dos Trabalhadores Graficos, Bandeira dos Dezoito, Liga Comunista e de outros grupos e partidos que enviaram delegados, tais como: Socorro Juvenil, Partido Comunista, Juventude Comunista, Federação Operaria, mais um ferroviário da Sorocabana, Orestes Ristori e outros.

A numerosa e entusiastica assistência, reunida no amplo salão da Lega Lombarda, aplaudiu com calor os diversos oradores.

A reunião iniciada às 20 horas prolongou-se até depois das 23. No final, verificou-se ligeiro incidente, logo sufocado, originado de um mal entendido, encerrando-se a sessão num ambiente de entusiasmo pela campanha iniciada de forma tão auspiciosa.

Não pronunciar o nome de Deus em vão...

BERLIM, 12 — O ministerio do Interior da Prussia baixou uma circular, na qual diz que não corresponde aos desejos do chanceler Hitler o fato de numerosos pais quererem dar os nomes de Hitler, Hitlerina e Hitlerico aos seus filhos. A circular adverte que se os casos se repetirem, os officiais dos registros civis devem comunicá-los ao Ministerio.

Espionagem nazista no Brasil

Damos aqui abaixo um documento que é um atestado irrefutavel dos vergonhosos processos empregados pelos sequeles de Hitler.

Trata-se de uma carta enviada pelo "chefe" nazista de Porto Alegre ao director do serviço de "propaganda alemã" de Munich a qual, por um falso giro de correio, veio ter às mãos de um dos redactores do jornal alemão "Aktion", que a publicou em primeira pagina, fazendo-a seguir pelo comentario por nós reproduzido parcialmente.

O documento demonstra muito claramente que os "nazis" já possuem, no Brasil, uma vasta rede de espiões, vestidos das mais diversas maneiras, mas todos portadores da "cruz Swastika".

E se atentarmos para a data da carta, verificaremos que, se desde agosto de 1932, quando ainda não tinham alcançado o poder os "nazis" já haviam organizado esse serviço, agora que segundo Goering, a conquista desse poder já terminou, o serviço deve estar extraordinariamente desenvolvido:

Eis o documento:

Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei.
(Partido Operario Nacional-Socialista Alemão).

Orstgruppe Porto Alegre.
Todas as cartas deve ser dirigidas a:

G. H. EHRLICH O. G. L.
Rua Comendador Azevedo.
Porto Alegre, 14 de 9 de 32.
A' Directoria de Propaganda Alemã.
Sub-Secção: N. D. Munich.
Ilustrissimo Senhor Coléga do Partido:
Recebi sua carta de 18 de

agosto e respondo-lhe o seguinte.

Com muito prazer ponho minhas forças ao serviço da «averguiação» (espionagem, N. d. T.) anti-bolchevista. Peço-lhe informações mais amplas e uma orientação mais firme para a acção.

Eu escolherei os meus ajudantes para o Estado do Rio Grande do Sul pois supponho que V. S. já escreveu aos outros grupos do Partido no Brasil, nesse sentido.

Acho que seria mais conveniente V. S. nomear dois encarregados de manter comunicação directa com V. S., um para os Estados do Norte, outro para os Estados do Sul, afim de evitar comunicações duplas e obter informações mais regulares, mais pensadas e examinadas.

No Rio Grande do Sul ainda não se verificaram agitações de natureza bolchevista dignas de relevo. Por parte do governo estadual reage-se fortemente contra todos os comunistas e os conhecidos são logo expulsos. Tenho conhecimento de algumas pessoas que em todo caso são suspeitas.

F. Kniestedt — de profissão escoveiro — reside desde longos anos no Brasil e é desde ha muito tempo proprietario de uma livreria internacional, á rua Voluntarios da Patria; é casado e conta cerca de 50 anos. Ele é presidente de uma sociedade de sguros contra doenças, na sua maior parte composta de alemães e ha muitos anos editor de um jornal «O Trabalhador Livre». Declara-se anarquista; a sua situação financeira não é má; é vigiado por parte do governo.

«Caso do Vapor Munster». O primeiro official Begedorf é o único a bordo que se declara nosso partidario. Neste vapor, que ha pouco esteve no porto, ha muitos comunistas alemães, que levaram boletins á terra e os distribuíram, com os amigos. Existe tambem um judeu, que se declara engenheiro, chamado Lor-

Adolf Lutero Hitler

«BERLIM, 8 (H.) — O jornal «Taegliche Rundschau» foi suspenso por tres meses. A proposito, observa-se que o «Taegliche Rundschau», que nos ultimos tempos mudára por varias vezes sua direcção politica e seu corpo redatorial, se consagrara á defesa dos interesses religiosos protestantes, num sentido hostil ao movimento de unificação das igrejas pelos cristãos-alemães.

O jornal assinalára, por outro lado, os protestos dos pastores de Berlim e do «Reich» contra as ultimas medidas religiosas tomadas pelo ministro do Interior do Reich e pelo ministro dos cultos da Prussia.

Faltava só isso: Hitler mudado em Lutero e legiferando como um Papa qualquer em materia religiosa. E' a comedia na tragedia.

A internacional da Morte

(Especial para "O Homem Livre")

FRANCISCO FROLA

A indústria dos fabricantes de armas e munições constitui, através das barreiras dos diversos estados, uma verdadeira internacional ligada por interesses profundos, que se articulam e sustentam entre si.

Desde antes da guerra esta internacional funcionava à perfeição: os grandes industriais de material bélico, pertencentes à França e à Alemanha, estavam ligados às principais fundições de aço da França, da Alemanha, da Austría e da Bélgica.

Seu programa consiste em financiar, cada um em seu país, todas as iniciativas nacionalistas de sorte que a situação política internacional — continuamente aguda — não venha a permitir nenhuma diminuição nos armamentos e não deixe nenhuma esperança aos apóstolos da paz. Quando o interesse o aconselha, estes nacionalistas rixos (hoje fascistas) colocam-se contra o próprio país e tornam-se fornecedores do "inimigo".

Este é um dos aspectos mais torpes do capitalismo, que verdadeiramente não tem pátria e domina internacionalmente, procurando impedir a formação e o funcionamento da internacional proletária.

Recentemente Louis Launay e Jean Sennac deram uma demonstração bem documentada do que acabamos de afirmar.

E' interessante conhecer-se algumas informações contidas nesta obra, as quais põem a nu' as relações existentes entre os membros da "Internacional da morte".

Existe, na bacia mineira da Leste da França, a família De Wendel que domina a região no sentido mais amplo da palavra. E' denominada a "dinastia do ferro". Fundou-a João Martin Wendel que em 1704 adquiriu os primeiros estabelecimentos do Mosela. Jean Martin era de origem alemã, sendo sobrinho de um coronel do exército de Fernando III, imperador da Alemanha. Durante a Revolução Francesa, Charles Wendel criou as fabricas de armas de Tulle, de Charleville, a fundição de canhões de Indret e inaugurou o Creusot, que hoje é uma das maiores oficinas do mundo.

Com o correr dos anos, a fortuna da família tornara-se enorme. Um de seus ramos estabeleceu-se na Prússia. Sobreviveu 1870 e a "débacle". O ramo que se transferiu para a Prússia retorna alemão e toma atitudes pan-germanistas. O ramo que ficou na França, torna-se, patrioticamente, um dos mais extremados propugnadores da "revanche".

A guerra de 1914-18 reúne, novamente, a família em terra francesa.

Os De Wendel dão à França senadores, financistas e constituem a espinha dorsal da campanha contra os partidos proletários e contra o pacifismo.

Na bacia de Leste existe uma única vontade: a vontade da "dinastia do ferro". Ela é a proprietária das oficinas e das minas, das casas e dos armazéns.

A expulsão, o despejo, contra os operários são muito comuns. Em se tratando de trabalhadores imigrantes existem o "refoulement" e a deportação.

Padres alemães, franceses, italianos, polacos, russos, estão ao serviço da dinastia.

A bacia de Leste constitui a única região da França em que o fascismo italiano, subvencionado e protegido, exerce uma obra de descarada provocação contra os milhares de operários italianos imigrantes.

Caillaux, em seu livro "Où va la France? Où va l'Europe?", procura advertir-nos acerca do acaembamento da opinião pública processado pelos capitães da indústria bélica por meio da imprensa. Como agem os grandes industriais da guerra? Servem-se da imprensa para fazer pressão sobre a opinião pública e excitá-la. Benito Mussolini, em 1914, recebeu um milhão para traír o partido Socialista italiano e transformar a sua "neutralidade absoluta" em intervencionismo "à outrance". Compram-se jornais, compram-se escritores, "penas", no dizer de Briand, "que são produzidas com o mesmo aço dos canhões."

Em França — a "Information Sociale" provou-o — o "Comité des Forges" possui quotidianos importantíssimos como o "Le Temps", "Le Journal de Debats", "La Journée Industrielle" e inúmeras outras folhas menores, cuja característica principal é a de agredir continuamente as organizações proletárias.

Quando se lê, nesses jornais artigos violentos contra Hitler e o fascismo alemão, não precisa esquecer-se de que a indústria pesada francesa foi quem financiou o "nazismo" e que ela está ligada por fios duplos à indústria pesada alemã.

Os patrões da indústria pesada alemã dispõem, também, de um grande número de quotidianos na Alemanha, na Austría, na Hungria

e nos países escandinavos. Por meio destes quotidianos, o nacional-socialismo vai injetando aos povos o seu veneno.

A "Internacional da Morte" haveremos opôr a Internacional da Vida. Com a primeira identificam-se as forças da reação: a Igreja mercadora, que lança "hosannas" a Mussolini e a Hitler; o capitalismo soez e egoísta; o militarismo impado e ignorante; o alto banco que através dos confins das patrias, enredilha os fios dos negócios e, sobretudo, a última incarnação da violência brutal, da "besta triunfante": o fascismo.

A "Internacional da Vida" haure a sua inspiração da liberdade de consciência, combate os dogmas e os preconceitos, anseia pela constituição de uma sociedade baseada sobre a solidariedade e não sobre o desfrutamento; propugna a irmandade entre os povos e, se opõe, com todas as forças, morais, intelectuais e materiais, a que formas políticas e sociais, sepultadas na escuridão dos tempos e responsáveis por inúmeros delitos, sejam resuscitadas com o escopo de sustar a marcha ascendente das massas trabalhadoras.

O proletariado não deve acalantar ilusões: se não agir rapidamente e com toda energia, a "besta triunfante" conseguirá implantar — pelo menos temporariamente — o seu nefando domínio.

Os italianos de Mussolini

Os arautos do fascismo italiano gabam-se e orgulham-se de ter insuflado nova alma e novo "estilo" aos felizes habitantes da península.

Na verdade, esse estribilho não passa de pura ilusão. O fascismo, até hoje, só foi capaz de introduzir nos hábitos dos que lhe estão sujeitos e que têm a faculdade de falar e escrever, uma babilização repelente e um palavreado óco, que no idioma do país do Duce denomina-se "espanholismo".

E isso, apenas na superfície, pois, no fundo, nada mudou.

Até parece que os próprios fascistas não crêem... no fascismo.

Com a mesma caradura com que clamavam pela volta do Império da antiga Roma, quando Mussolini convidava as camisas pretas para as lutas e para as "glórias" do ano napoleônico, os porta-vozes do Fascio obsecam-nos, hoje, com buclucas sobre a fraternidade europeia e universal e sobre o trabalho pacífico em prol do progresso humano.

Lendo qualquer jornal fascista, tem-se a impressão de ver o Duce, esquecido dos louros de Martell, fantasiado de Titiro e languorosamente estendido "sub tegmine fagi".

Mas ninguém crê no que escreve e no que diz.

Vimo-lo naquêl estouro de boiada que se deu após o assassinio de Matteotti. Por esse tempo, todos os fíeis do Duce imortal, tomados de medo, desataram a língua e disseram cobras e lagartos do seu chefe.

De vez em quando os "mosqueteiros" do "fuhver" de Predappio se cansam da comédia e soltam verdades desagradáveis, a custo de enfrentar o ostracismo,

a deportação até a cadeia. Assim fizeram Misuri, Dumini, Farinacci, Augusto Turati, Antonio Aniante, etc.

Assim fez, também, o órgão oficial de colônia fascista de São Paulo, na polémica travada com o aventureiro Andaló, e em outras ocasiões.

Os escribas do regimen mussoliniano, esquecem-se, às vezes, de estar aqui "in servizio comandato", e fazem correr a pena de acordo com os hábitos comodistas de antanho.

Eis um exemplo entre cem: temos à mão o jornal imperial da via 12 de julho de 1933. Na oitava página, num grifo da autoria do comendador Giovanetti temos uma defesa da Rússia Soviética, que se fosse escrita por um comunista poderia custar-lhe a cadeia.

Diante de tão extrema defesa da U. R. S. S., todo leitor se terá perguntado: "então já não é mais verdade que o "duce" libertou o mundo da hidra bolchevista?"

Na "Vida Social" esbarramos com um elogio dirigido ao anarquista Edgard Leuenroth, que o jornal fascista qualifica de "jornalista de vanguarda cuja boa fé e cuja bondade de alma e de obras estão acima de qualquer discussão."

Ora, Edgard é sobrejamente conhecido como antifascista encarnado. Por consequência, sendo ele um antifascista e sendo, ao mesmo tempo, segundo o "Fanfulla", homem de boa fé, infer-se que as razões do seu antifascismo, que são as razões de todos os antifascismos, têm o carimbo da boa fé. Logo...

Mas onde a insensibilidade do "Fanfulla" atinge os pináculos do incrível é num artigo de Fran-

cisco Pettinati que se atreve a escrever palavras deste genero: "não é possível abrir-se um livro sem achar nêla a luta de classe, o marxismo, o bolchevismo, a democracia, o FASCISMO, o individualismo, o coletivismo, e todas estas coisas que acabam em "ismo", inclusive o reumatismo. Já sei que se trata de uma rajada que deve passar, mas é uma rajada da qual todos estão cansados." Ouviram bem? O fascismo, emparelhado ao marxismo, ao bolchevismo e ao... reumatismo, não passa de um "rajada", que tem que acabar e que já nos cansou bastante!!

Eta é a fé dos fascistas e é em nome desta mesma fé que os camisas pretas afogaram no sangue a liberdade de um povo levando-o ao desespero e à escravidão medieval.

UM EXILADO ITALIANO

A INEXISTENCIA DA ALMA

NOVO LIVRO QUE TRATA DA REALIDADE DA VIDA
ACHA-SE A VENDA
EM TODAS AS LIVRARIAS
Preço 3\$000

Como os medicos hitleristas arranjam fregueses

Reproduzimos um telegrama, precedente de Berlim e que, apesar disso, temos a certeza, os varios vons da colônia hitlerista de S. Paulo qualificarão de falso:

«BERLIM, 8 (H.) — Foram presos pela policia secreta 30 medicos israelitas acusados de professar ideias comunistas e anarquistas. Pêsa ainda sobre os ditidos a acusação de haverem participado da campanha de atrocidades contra a Alemanha. — A diligencia foi efectuada em consequência de denúncias apresentadas por alguns medicos das seções de assalto hitleristas, os quais acompanharam as autoridades nas buscas».

E' facil concluir-se que na nova Alemanha, quando um curandeiro barro está com o consultorio vazio, pôde muito bem livrar-se da perigosa concorrência dos medicos de verdade apresentando denúncias e efetuando pessoalmente a prisão dos que dificultam seus negocios.

Não nos espantaremos se, amanhã, nos for dado lêr que foram presos doentes culpados de não se fazerem tratar por medicos diplomados nas universidades das seções de assalto!

Civilização

E' inegavel que no 3.º Reich alguma coisa foi realizada. Pelo menos a macaqueação perfeita dos métodos de propaganda processados pelos fascistas italianos, os quais por sua vez, os foram buscar na própria Idade Média. Pois leia-se isto:

BERLIM, 8. (H.) — Comunicam de Brunswick que os habitantes de uma povoação situada na Montanha do Hara assistiram ontem a um espetáculo que nunca tinham presenciado: o aparecimento do pelourinho na praça do mercado local.

Os que montavam guarda à colônia fatidica avisaram o povo de que seria amarrado ao pelourinho todo homem ou mulher que insultasse Hitler.

Ha oito seculos isto acontecia, sim e não, com os blasfêmios e os insultadores do Papa.

Já vemos os moços integralistas prepararem a gaiola para os atrevidos que nestes tempos de vigília, têm a ousadia de negar que Pílliozinho é a última reincarnação de Simon Bolívar.

Agencia Bremen

Passagens

Largo de Santa Efigenia, 13
Tel. 2-5413

Espionagem nazista no Brasil

(Continuação da 1.ª pag.)

me, de nacionalidade austriaca, e cava a vida pintando reclames; etc. Faz agitação de maneira vil contra o nosso partido aqui, nos jornais do país; é suspeito de ser agente russo e de receber dinheiro de lá.

Continuarei as observações.

Sem mais por hoje,
Heil Hitler! (Viva Hitler)

ass. G. H. EHRLICH.

Diretor do Grupo.

Esta carta demonstra claramente ser uma resposta a uma intimação da Diretoria de Propaganda Alemã, do dia 18 de agosto de 1932. Ela é assinada pelo então diretor do partido. Como acordar isso com a afirmação do atual diretor do grupo (publicada no numero 106 do «Neue Deutsche Zeitung») segundo a qual jamais houve ordem de se proceder a tal serviço, por parte da «Direção do Reich»? Temos, porém, mais material em nossas mãos, cuja publicação reservamos para ocasião mais oportuna.

Noutra carta — de 12 de outubro — assinada pelo mesmo Ehrlich, diretor do grupo, são caluniadas numerosas pessoas e numerosas firmas comerciais, de maneira tão indecente que até se poderia duvidar de sua legitimidade. Esta, porém, foi publicamente confessada. Mas o grupo de Porto Alegre não quiz arcar com as consequências do escândalo e o sr. Ehrlich, que está tão ligado ao Partido, teve que aguentar sozinho com toda a culpa.

Mas, mesmo assim, não dá certo. No relatório existem outras informações, sobre os srs. dr. Steidle, consul Mulert, consul geral Wallbech, sobre as firmas Wallig & Cia., A. J. Renner & Cia., Frederico Mentz & Cia., etc. No caso do consul Mulert diz-se textualmente: "O companheiro von Specht relata sobre ele, conforme anexo, circunstanciadamente"; no mesmo relatório, a respeito da firma A. J. Renner & Cia., declara-se: "o companheiro Nargossen, comerciante por atacado estabelecido nesta praça desde 1913, relata sobre aquela firma minuciosamente". No fim da carta diz-se: "o camarada von Specht relata sobre o consulado", etc.

A desculpa segundo a qual o sr. Ehrlich tinha escrito este relatório sem conhecimento dos seus companheiros de partido, excedendo-se nas suas "obrigações", não corresponde à realidade.

E' sabido que tais declarações se constroem muito facilmente. E o sr. Ehrlich deve ser bastante nacional-socialista para saber o que lhe estava destinado se não tivesse feito essas declarações sem lhe terem sido exigidas.

A desculpa é a "averiguação anti-bolchevista", mas a atividade dos polvos nazistas se exerce indiferentemente, contra todos os "anti-fascistas", e, mesmo, numa despendurada demonstração de cinismo, contra os anti-fascistas brasileiros.

Quantos Ehrlichs, von Spechts, Nargossen já andam por aí, fuçando no organismo social brasileiro, no desempenho de sua obra torpe de espíões ao soldo do nacional-socialismo? E quantos existem, nas mesmas condições, no campo do fascismo italiano?

Dr. Elias Machado

Engenharia Civil

RUA LIBERO BADARÓ N. 30

LITERATURA

"Na maré alta da última etapa"

Escolho para título desta seção de literatura hoje uma frase solta de "Serafim Ponte", o romance de Oswald de Andrade que a estas horas já deve estar à venda nas livrarias. É que a publicação deste livro constitui um acontecimento notável, embora esteja um tanto desambicionada a concepção, do mais completo romance que as letras modernistas produziram no país. E assim esta seção fica dedicada ao aparecimento de "Serafim Ponte". A frase colocada no alto destas colunas é a definição da situação atual do mundo, dentro da qual e em conflito com a qual se coloca Serafim, o pequeno burguês brasileiro, típico, tão humano como dom Quixote, representativo como qualquer um desses tipos da ficção, que monopolizaram o símbolo da dúvida de Hamlet, do romantismo no jovem Werther e tão real como a Bovari do naturalismo francês. "Na maré alta da última etapa" é verdadeiramente a tradução literária da definição materialista, desse "traço característico da nossa época", última etapa do capitalismo...

Produto de uma fase de debate da nossa literatura, o livro de Oswald de Andrade, entretanto, escapa completamente aos moldes transitórios, artificiais, das obras produzidas durante as agitações renovadoras, para se situar num período de amadurecimento, que é o período de estratificação do próprio escritor, fragmentário em "Memórias sentimentais de João Miramar", e nas poesias indecisas de "Pau Brasil".

A definição materialista que

me vem preocupando desde o título, é amostra de atitude diferente agora mantida pelo romancista. Faz parte do prefácio, escrito neste ano, como profissão de fé que o autor achou necessária para justificar a publicação de "Serafim".

Em 1928 se estava atravessando a primeira fase da antropofagia, quando ela era considerada atitude intelectual sem divergências, dentro da qual cabiam desde o fútil escritor Antonio França Junior de Alcantara Machado, o poetinha Guilherme de Almeida e o autor de "Macunaima", que só entrara no brinquedo, como me confessou, para manter o "aplomb"... Logo porém se processava a definição de certas tendências mais decisivas e se dava a desagregação. Quando Raul Bopp e Oswald de Andrade me propuseram a fatura da "Página de antropofagia", a desagregação daqueles elementos já se dera, na heterogeneidade evidente, diante da intransigência dos antropofagos que não papavam hostia nas missas de Santa Cecília, e deixavam de lado os "salmos da nossa melhor sociedade". Pra diante os antropofagos dando de fazer propaganda de algumas idéias tidas como avançadas, tais como o exame pré-nupcial, a educação sexual e outras coisas assim, a direção do "Diário de S. Paulo", com o gerente Orlândio Dantas, à frente, por sua vez o grupo que perpetrava, para gozo dos pais de família, a escandalosa literatura semanal da corrente antropofágica. O ciclo assim encerrado, em escaramuças que tiveram duração de poucos

mêses, deu entretanto alguns livros e esclareceu maiores pesquisas. Freud fora posto de lado, em contato com Jung, Politzer e Adler. Preocupavam-nos mais os teóricos da Gestalt e da behavior. "Serafim" é bem desse período, não importando que fosse começado antes, pois me recordo de capítulos inteiros publicados aí em 1926 no finado "Jornal do Comércio", onde Oswald escrevia a "feira das quintas".

Só então "Serafim" ganha última forma. Lembra-me que aí o escritor destruiu a página da dedicatória, a "ilustre dama paulista".

Logo de frente, "Macunaima", de Mário de Andrade, se torna uma obra sem interesse para o leitor de hoje. Os golpes militares nos aguçaram mais as sensações e não é qualquer pastiche de folclore tomado dos "nhengatu's" que nos vá impressionar agora. Mas "Serafim" é diferente. É um sujeito jogado na maré alta da última etapa, que vive e se agita entre as contradições econômicas da grande terra pobre, recalado e imoral, deflagrada a sua existência em moles aventuras sexuais, perturbado por um passado sofrido e praticando ofensivas vibrantes em busca de solução para o seu conflito interior de incontentado.

Toda uma antologia dessas angustias que cruciam a pequena burguesia da terra do café, classe média oscilante e depositária das instabilidades morais e materiais da nacionalidade infante, passa como um filme minucioso aos olhos de quem lê. A câmera lenta descreve em requin-

tes de estilo "moderno" a noite de amor em frente ao mar, primeiro desabaço Serafim gosando, e nos dá as descrições adjetivas e transparentes da viagem ao Oriente e a visita ao Santo Sepulcro, onde um guarda informático esclarece Serafim que Cristo nasceu na Baía... A revolução de 1924 tem páginas de estilo heroico, e o casamento de Serafim é vasado num "schetch" de efeito escandaloso, como o ato teatral de Serafim perante a Justiça por causa do cachorrinho Pompeque.

As páginas de bordo têm analogia com as do "Terremoto Dorotou", se dando nelas a exteriorização da vida tortuosa e torturada de Serafim, que o romance de Doroté nos mostra em toda a extensão de seus tumultos provocados pelas contingências domésticas, povoadas de pontos de referência cujos pólos se situam na mulher com quem casou, e na outra que aparece, a "única clamadora discorde com temperamento que possuímos".

Para terminar, eu acredito que não teremos tão proximamente em nossa literatura um recorde igual de invenção e realização do que este que Oswald conseguiu realizar, desmandibulando os nossos literatos modernos, e a corja sem nome dos cochonnetos que ainda pulula pelo país despoliciado. É o documento do estado atual da classe média, no que poderia haver de mais notável como literatura moderna do Brasil também em sua última

etapa. Daqui pra diante, a história será outra.

Continuaremos a traçar nossas "dirdirizes" de que nos afiamos para prestar a atenção que merece o fabuloso humorista que criou a figura caricatural e realista deste Serafim satirizado. O boêmio-burguês se vingou da classe média no livro, e se voltou numa atitude perfeitamente loquaz para o proletariado, no prefácio sincero, que relata a evolução operada nos cinco anos transcorridos da ofensiva antropofágica à adesão conciente ao marxismo e suas consequências.

GERALDO FERRAZ

LIVROS RECEBIDOS

N. BUKHARIN — TRATADO DE MATERIALISMO HISTÓRICO — Edições Caramuru.

Recebemos um exemplar desta obra que é considerada como das mais importantes para o estudo do materialismo histórico.

No próximo número daremos uma apreciação sobre a obra e sobre a versão, que não fazemos hoje por falta de espaço.

BREVE:

"Questão judaica ou Questão Social" por JOSE PÉREZ

Estude o SOCIALISMO através dos seus expositores!

TRATADO DE MATERIALISMO HISTÓRICO

N. BUKHARIN - Edições Caramuru
A venda em todas as livrarias

"A classificação geral dos artistas que foi delineada determina-se também pela finalidade esteticamente imediata ou mediata que põem na sua obra. A arte individual é uma invenção relativamente recente. Os artistas modernos mais puros, pela subordinação fatal à técnica, si resolveram o problema da natureza mecânica moderna, suprimiram o homem, o homem social, do seu universo. E o problema da arte moderna foi assim contornado, tendo uma solução puramente transitória e empírica. As exigências sociais que crescem vertiginosamente não perdoam, porém, a esses artistas essa escamoteação, e vão bater-lhes às portas da sensibilidade, cada vez com maior impetuosidade. Tudo que ha de vital e embrionário dentro da atual sociedade não se sujeita mais a esta subordinação indigna à máquina. Os tempos dessa subordinação já passaram. Homens novos reclamam hoje novamente a restauração do seu primado sobre a entidade mecânica sobrehumana e gigantesca que eles mesmos criaram. Já vai longe o tempo das revoltas, instintivas contra ela. Já vai longe o tempo em que os homens se levantavam de pau e cacete contra a máquina, em nome da velha roça e do fuso doméstico com que teciam as suas rudes vestes, como no episódio dos tecelões da Silesia, que inspirou a Kaethe Kollwitz as suas primeiras águas-fortes.

Os motivos sociais, ao invés dos de natureza, tornam-se cada vez mais ricos e pedem a sua integração na obra artística moderna. O drama social que vivemos tem uma força e uma amplitude inspiradoras dos grandes temas da tragédia grega. Embora tendenciosa por uma fatalidade da nossa época, os motivos que inspiram a nossa arte social amanhã tomarão um caráter de equilíbrio interior mais profundo, integrados que serão aos motivos técnicos impessoais ou a-sociais manifestados na arte moderna. Será a forma superior da arte de uma nova idade, pela integração da natureza no homem. Mas isso é ainda música do futuro.

No curso da evolução econômica, si, de um lado, o processo da organização social do trabalho provocou a formidável concentração das forças produtivas, arregimentou, por outro lado, o campo vivo dos trabalhadores numa só unidade orgânica, plasmada de uma mesma massa social e forçada a uma indisciplina imposta do exterior, com uma precisão implacável e impessoal. Si a submissão cega e passiva à natureza criou a disciplina do catolicismo, a subordinação brutal e econômica do homem ao maquinismo forçou a coesão e a vontade coletiva, a consciência da classe do proletariado. Dentro das sociedades burguesas, uma outra socie-

As Tendências Sociais da Arte e Kaethe Kollwitz

Conferência proferida por Mario Pedrosa, no Clube dos Artistas Modernos, a 16 de Junho ultimo:

Continuação

dade se forma, nos subterrâneos das minas, nos cortiços e nas aglomerações suburbanas, sob os tetos das grandes usinas, nas cavernas das forjas e das caldeiras, no bôjo das máquinas, ao contato dos motores. E ela tem a chave do mundo nas suas mãos grosseiras e encarvoadas. É este o único grupo social nascido com a máquina, despojado por ela, mas o único capaz de entender o seu segredo e que porá a sua grande mão violenta sobre a volante vertiginosa e selvagem do maquinismo e o levará com um cordeiro manso.

Este mundo novo obriga a todos os homens que ainda restam de fora a uma determinada posição social. O destino da arte de Kaethe Kollwitz não está, pois, na própria arte. Está socialmente no proletariado. É uma arte partidária e tendenciosa. Mas que assombrosa universalização! É que, representando a expressão social da nova classe, futura senhora dos destinos da sociedade, o que ela aspira através da miserável opressão da hora presente é um novo humanismo superior, um autêntico e novo classicismo surgindo dramática e espontaneamente da própria vida.

Ai está a primeira aspiração geral profunda que surge da obra da artista alemã. Aspiração que se não deve confundir com realização. Eis o segredo de sua universalidade. Tem uma grandeza e uma amplitude beethovenianas os sentimentos sociais que ela exprime."

Ruskin, com todos os requintes estéticos fora de moda que o caracterizam, defende a tese arriscada de que o valor da produção artística se determina pela elevação do sentimento nela expresso, e dá como exemplo o fato de que um avaro não poderá fazer poesias sobre o dinheiro perdido, porque um tal poema não comoveria a ninguém. Não queremos discutir o caso, mas o que nele tem importância para nós é a posição social do avaro. Do ponto de vista da arte social, é evidente que a sua função socializadora aqui não aparecerá. Ora, esta função socializadora, hoje, nas condições mo-

rais e econômicas dadas, depende sobretudo da posição social que se ocupa. Depende da classe.

A guerra é um tema que inspirou a Kollwitz as suas gravuras e os seus desenhos mais notáveis. Entretanto, a tremenda força comovente desses quadros depende principalmente da posição social em que foram realizados. A guerra vista pelo povo, a guerra do lado de lá da barricada social, sentida pelo proletariado, sem deformação ideológica ou tendenciosa, sem a ignobil masturbação patriótica com que é excitada, sem reclame de soldados desconhecidos nem de heróis de opereta, sem gloria, sem generais gordos e estrelados, sem anjos da guarda nem senhoras caridosas que mandam bombons e cigarros para as trincheiras. A guerra de Kollwitz só tem sacrifícios anônimos e monstruosos, só tem viúvas a quem não resta mais nada, na miséria e na dor, do que as grandes mãos para sempre desocupadas, recolhidas como um par de objetos sem uso sobre o corpo informe, só tem mães. Uma organização de mães que se unem, que entram seus braços como arames farpados em defesa dos filhos que ainda restam. É o povo desarmado e humilde de um lado — a guerra do outro, força elementar, inexorável, medonha e ubíqua como um cataclisma da natureza. Aquele povo ali gravado parece ignorar que a guerra é feita pelos homens, é um produto social, tamanha é a impessoalidade e a grandeza da catástrofe que sobre ele se abate. A artista essencializa os problemas e as suas realizações têm a força viril da simplificação. Aquelas pequenas litogravuras contêm uma força socializadora tal que toma as proporções coletivas de um afresco medieval.

Entretanto, não ha arte, não ha proeza estética, não ha domínio técnico que consiga exprimir a mesma intensidade emotiva, a mesma universalidade, colocando-se o criador do lado de lá da barricada, da posição social da burguesia. Trace-se uma cena de guerra vista pelas classes dominantes, e do ponto de vista artístico só é possível atingir a arte pela expressão do grotesco: do contrário, a obra não passará do mais vulgar academismo convencional. Quando Georg Grosz exprimiu a guerra de um ponto de vista individual, foi pela sátira vingadora que alcançou a grande arte. Mas exprimir a guerra particularizando-a numa imagem trágica ou simbólica de um general, de um rei ou de um profeta é um problema estético que desafia todos os talentos, todos os recursos técnicos do mais genial dos artistas modernos.

Pela sua atitude em frente à guerra, define-se a tendência social dominante em Kollwitz — a fidelidade

CINEMA

"O HOMEM PODEROSO"

Pertence esta produção a uma fatada série de filmes políticos editada pela Paramount (cuja situação financeira atual é falimentar, e a mercê das alternativas da competição Morgan-Rockefeller).

Filme político. De fato, o argumento gira em torno dos conflitos de interesses entre grupos financeiros cujos agentes assentam nas bancadas dos parlamentos, intrigam nos seus corredores e atacam nos salões mundanos; e o seu cenário é precisamente a câmara dos senadores norte-americanos, na capital política da U. S. A., e nos seus cintilantes salões, descrevendo a queda de um "representante do povo" que se propõe ser independente, forte e honesto, enquanto não cai em virtude de intriga amorosa-conjugal e do suborno, numa capitulação com seus adversários: nisto consiste o drama do "homem poderoso" em virtude de sua independência, coragem e integridade, o qual vem de sucumbir pelo desgosto da honestidade fracassada... A conclusão do tema é discutível, mas não vamos entrar em matéria de consciência e integridade nos políticos parlamentares...

Em todo o caso, o tema dava material para um filme interessante, baseado numa descrição objetiva e verdadeira de ambiente e de fatos. Mas, tanto o escritor do argumento, como o realizador do cenário, trataram o assunto superficial e mediocrememente, sem preocupar-se da crítica dos fatos e da consequente projeção da verdade. De modo que, além do entrecio e de um pouco de demagogia "ad hoc", nada mais possui este filme que se possa dizer de substancial. Além disso, a presença de Lionel Barrimore no protagonista, de Lionel que às vezes tem dado alguma interpretação louçavel,

é neste filme destituída de interesse, porquanto constitui a repetição de tipo humano e de aspectos psicológicos que esse ator vem decalcando em todas as suas últimas produções: e de tal forma, que ao em vez de sentirmos na sua interpretação um personagem definido com uma própria fisionomia físico-psicológica, sentimos quasi que exclusivamente o ator Lionel Barrimore trabalhando. "O SEGREDO DE MME. BLANCHE"

Irene Dunne é uma atriz que foi revelada ao nosso publico num filme, "Esquina do Pecado", que foi muito apreciado, e que é realmente bom cinema, feitas algumas restrições críticas a certas fases do seu tema.

Produzindo "O segredo de Mme. Blanche", parece que a única finalidade dos seus produtores foi fazer atuar Irene Dunne, a qual é atriz possuidora de agradável figura física, e de uma grande intensidade de expressão dentro de uma perfeita sobriedade de movimentos e de gestos. Efetivamente, o único interesse do filme é apenas ela e os vestuários ante-1900.

Quanto ao argumento, trata-se de uma peça romântica de velho teatro, inteiramente desinteressante: entrecio de folhetim, com amor de atriz de opereta e filho-família da aristocracia feudal inglesa lá por 1898, com netinho sangue-azul recuperado e encontro de mãe e filho ao epílogo. O cinema já devia acabar de uma vez para sempre com essas histórias. Enfim, tanto Irene Dunne como Philip Holmes, que são bons artistas, não conseguem quebrar a mediocridade dos personagens desinteressantes que interpretam: naturalmente, porque já os vimos viver tipos mais fortes e verdadeiros, em cenários mais reais e empolgantes.

ALPHEU PARANA

Como fazer a propaganda anti-fascista

É preciso esclarecer aos operários, com a máxima objectividade possível, que o fascismo se aproxima e se interessa deles somente para enganá-los, porque é ele que precisa dos operários, e não porque se preocupa verdadeiramente, em levantar o nível de vida das classes trabalhadoras. O fascismo emprega todo um sistema de demagogia, o qual até agora tem dado resultados positivos: não se pode negar que tanto na Itália, como na Alemanha, na Hungria e na Polónia numerosos operários apoiaram, numa certa medida, porque enganados, os respectivos fascismos locais. Este sucesso é devido em grande parte ao estilo da demagogia empregada pelo fascismo, estilo cujas fontes são o maquiavismo e o jesuitismo. Sob o regime burguês, os operários não têm bastante consciência para poder distinguir, à primeira vista, o que lhe convém do que não lhes convém; ninguém se interessa em lhe dar isso tudo, e o fascismo é o que faz explorar justamente essa ignorância.

O fascismo com todo o seu imenso aparelhamento de mentiras, de espectacularidade, de demagogia, consegue arrastar para o seu lado massas notáveis de operários. O cerimonial é no fascismo, como nas religiões, parte integrante e imprescindível. O

(Continua na ultima pag.)

A Cooperativa

MOVEIS E TAPEÇARIAS

Rua José Paulino, 80-A
Tel. 4-0918

Edições Unidas

Enriqueça a sua estante sociológica com estes livros

Uma Biblioteca não é um luxo, é uma necessidade

SOCIALISMO:

MANIFESTO COMUNISTA—Karl Marx 28000

PRINCÍPIOS DO COMUNISMO — Friedrich Engels 18500

SOCIALISMO UTOPICO E SOCIALISMO CIENTIFICO — F. Engels 35000

A B C DO COMUNISMO — N. Bukharin 55000

FILOSOFIA:

CÂNDIDO — Voltaire 45000

O MARXISMO — Vários autores 45000

CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA — Plekhanov 18500

LUDWIG FEUERBACH E O FIM DA FILOSOFIA CLÁSSICA ALEMA — F. Engels 45000

PARADOXOS — Max Nordau 75000

ECONOMIA:

O CAPITAL (Resumo) — Carlo Caffery 45000

O PLANO QUINQUENAL—L. Trotsky 45000

OS PROBLEMAS DO DESENVOLVIMENTO DA U. R. S. S.—L. Trotsky 35000

BANCOS POPULARES E CRÉDITO AGRÍCOLA — Fábio Luz Filho 85000

O COOPERATIVISMO E OS LATIFUNDIOS — Fábio Luz Filho 45000

O VERDADEIRO E O FALSO COOPERATIVISMO — Fábio Luz Filho 35000

SOCIEDADES COOPERATIVAS — Fábio Luz Filho 105000

POLÍTICA:

NO CAMINHO DA INSURREIÇÃO — N. Lenin 65000

A REVOLUÇÃO ESPANHOLA — L. Trotsky 35000

TEMPESTADE SOBRE A ÁSIA — L. Mantsô 35000

REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO NA ALEMANHA — L. Trotsky 75000

O QUE É A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO — L. Trotsky 28000

Antes, a leitura; depois, cada qual aja como quiser.

de á sua classe. Eis o traço peculiar de sua arte. Filha de pedreiro, continua através de toda a sua longa vida, filha de pedreiro, membro da família proletária. Nem os triunfos de sua carreira, nem o snobismo das modas, nem os sucessivos grupos e escolas técnicas que foi encontrando pelo caminho afastaram-na um instante dessa fidelidade. Nascida para a arte sob o signo do naturalismo, fez por meio dele o seu aprendizado artístico. *Germinai*, de Zola, e *Os Tecelões*, de Hauptmann, marcaram o início de sua obra, como foram marcos para toda uma época literária tanto na França como na Alemanha. As suas águas-fortes desta primeira fase foram inspiradas naquelas duas criações. O naturalismo forneceu-lhe o passaporte artístico. E era natural que assim fosse. Aquela natureza sincera e popular havia por força de se embeber da vontade, do desejo de atingir a miséria social, na profundidade de seu drama e de seu segredo, contido no naturalismo. Mas o que este não conseguiu, devido às suas próprias taras e afetação literária, ao passivismo de sua objetiva deformada e microscópica, ela o iria realizar, superando-o. O que de melhor havia e de mais profundo no naturalismo — que em conjunto foi um grande aborto literário — ela o exprimiu. Junto dela, um Libermann é um acadêmico retardado.

A segunda fase de Kollwitz, quando ela atingia a segurança e a plenitude interiores de sua arte, coincidiu historicamente com a passagem do proletariado alemão a um estágio mais alto de organização coletiva, vitorioso que tinha saído da luta que travara durante longo tempo contra a ordem bismarkeana. Achou então no marxismo a expressão acabada da sua consciência teórica. A doutrina do socialismo científico surgiu pela primeira vez como a arma específica e já praticamente comprovada do proletariado no combate pela sua emancipação. Surgiam assim simultaneamente a primeira organização revolucionária da classe, o seu partido político que era então a social-democracia, e a sua primeira grande artista na pessoa de Käthe Kollwitz.

Até então, outros artistas, entre os quais os da escola naturalista, já tinham feito da vida das massas proletárias temas literários e plásticos. Mas era desconhecido na história da arte o artista que tivesse posto como finalidade de sua vida e de sua obra exprimir a vida coletiva e sentimental do proletariado como classe. Este para ela é mais do que um assunto inexplorado e interessante; é a condição mesma da sua arte, a causa primária de sua sensibilidade.

A sua atitude para com as massas populares é mais do que uma atitude estética. É um imperativo social a que não pode fugir, um sistema de vida. Já é uma atitude política. Tudo isso está contido nesse traço permanente de fidelidade á classe. Todas as escolas passaram, as revoluções estéticas se sucederam. O naturalismo cumpriu a sua função e desapareceu. A vaga romântica do expressionismo alagou o país, inaugurando a literatura dos apelos e dos manifestos, socializando-se pela guerra, e depois retira-se acalmada a tempestade, e os indivíduos retomam os seus lugares. Contemporânea e sucessivamente vêm e vão todos os ismos estéticos modernos, desde o futurismo e o cubismo até dada e o neo-realismo mais recente: Käthe Kollwitz continua, porém, o seu rumo inalterado e inalterável. Apenas a artista vai se enriquecendo com todas essas correntes e aprofunda a sua arte, aperfeiçoando a sua técnica e precisando as suas intenções. A obra tem assim a continuidade dramática e interior de um rio que avança, cavando cada vez mais o seu leito e acelerando, numa arrumação progressiva e harmoniosa as suas águas para o mar.

Os seus temas no início de sua carreira podem ser episódicos ou históricos, subordinados ainda á anedota, como as águas-fortes de Weber-Zug. Mas pouco a pouco se vão universalizando, perdendo aquele lado anecdótico, ganhando em profundidade e em generalização, tornando-se por assim dizer num assunto ou num tema só. É a guerra, a morte, a fome, o povo — a vida anônima dos trabalhadores: a mãe grávida, a mãe amamentando, o pai morto na guerra, os sem trabalho, a viúva, os prisioneiros, demonstração proletária, etc.

Entretanto a artista tem, dentro do próprio proletariado a sua preferência. É que, além de sua classe, ela é do seu sexo. É a artista da mulher proletária. A força popular instintiva profunda desta, sua imensa capacidade de afecção e de sofrimento, aquela jovialidade e simpatia apesar de tudo diante da vida (visível nas gravuras "mulheres em palestra", "jovem amamentando", "dando vida"), tudo isto ela gravou na simplificação comovente da madeira, com uma rispidez quasi hostil mas realçando pelo contraste a violência e a profundidade do sentimento expresso. A intensidade dramática que a madeira violentada revela é de tal ordem que a obra de arte atinge aqui á unidade e á integração ideal entre a vontade e o sentimento do artista e a capacidade interior de expressão do próprio material.

Essa profundidade de compreensão sentimental que ela mostra é um dos traços femininos mais típicos de sua sensibilidade. E talvez explique a ausência da classe inimiga nas suas gravuras. Esta só aparece nelas de modo indireto. Aparece sob a forma de uma fatalidade social. Aquela ambiente tenebroso em que são envolvidas as suas figuras representa a fatalidade social da classe inimiga, aquela vida dolorosa e trágica de sua gente trói a reação feminina de sua sensibilidade que é puramente instintiva e sentimental. A mulher proletária ainda não ultrapassou essa fase primitiva de consciência de classe. A ausência quasi completa de qualquer vestígio da natureza já demonstra porém que todos os males vêm da sociedade, vêm dos homens.

O processo histórico da formação da consciência de classe se inicia pelo sentimento de solidariedade na desgraça e assim a sua primeira expressão toma forçosamente uma forma defensiva. Mas é por essa consciência de que os males e as misérias de que sofre o povo são de ordem social que uma rustica mão proletária, na profunda simplicidade de sua ignorância e do seu instinto de classe, tem da vida uma noção mais profunda e mais verdadeira do que uma filha de milinário que cultiva as letras ou uma qualquer princesa Bibesco.

As pestes medievais periódicas que se abatiam sobre populações inteiras provocavam sob o pavor apocalíptico dessas calamidades, formidáveis explosões convulsivas de histeria e de misticismo. As calamidades que hoje esmagam as massas populares longe estão de ser menos trágicas e menos apocalípticas. Mas, como é demonstrado por Kollwitz, as históricas nevroses coletivas não aparecem mais. Sob o horror da fome e os terrores da guerra que brilham sinistramente nos olhos das suas crianças e das suas mulheres, já nenhum olhar entretanto se ergue para o céu e nem as mãos se põem juntas. Mas brilham já aqui e ali, fulgores de ódio consciente nas pupilas acéas, e alguns punhos se fecham.

O inimigo não figura naquelas litogravuras. Mas o povo de Kollwitz já compreendeu que a sua tragédia é social. Entretanto, sob a imensidade das desgraças, ainda não teve o tempo e a energia suficientes para refletir sobre elas. Atolado até as raízes da alma no sofrimento, toda a sua energia moral está concentrada na heroica resistência a ele. Kollwitz é a pintora da sensibilidade cósmica do proletariado, e essa sensibilidade

(Continua)

ECONOMIA E FINANÇAS

Os fundamentos económicos
do anti-semitismo

De uma correspondência publicada no "Economist" de 10 de junho trazemos os seguintes trechos:

"Na Alemanha, avança a era de demência. A economia alemã está-se adaptando — sob os métodos nazistas de persuasão — à dispensa de uma grande camada de cidadãos degradados, cujo direito à existência os nazistas "entendem que não é necessário". Na Inglaterra e na América o anti-semitismo ainda anda de gatinhas, e é uma coisa evidentemente ridícula, mas a criança pode crescer. E' nisso que está o perigo. A depressão económica e política aprofundada há quatro anos e não há sinal convincente de melhora da situação. Classes inteiras, ofícios e profissões têm sido arrancadas da sua vida costumeira e se têm degradado, e mesmo têm sido arremessadas no dissolvente social do desemprego. O judeu não está imune desse processo e, pelo contrario, está particularmente exposto a ele. O sofrimento individual criado por essa abrupta descida na escala social mostra em relevo as faltas do Estado, e incapacidade deste para remediar essa situação, expõe os defeitos de um vago "sistema mundial".

"Com o advento do século XX foi ameaçada a perpetuação do poder nas mãos das classes dominantes, e com a Grande Guerra e o estalar da crise capitalista endêmica, tornou-se cada vez menos provável essa permanência. Nos tempos em que os interesses de outras classes se tornam francamente identicos ou abertamente antagonicos aos das classes dominantes, nas épocas em que é desafiada essa dominação, os judeus encontram-se em geral entre os primeiros simpatizantes da nova ordem, porque tanto a sua sobrevivência coletiva como a individual depende não só do êxito da nova ordem, mas também da sua identificação com os interesses da nova classe dominante. Este processo desenvolve-se con-

tudo em geral num período de varias décadas e é permanente. A antiga classe dominante nota a desercão do judeu e a sua preeminência no campo oposto, querendo achar uma razão qualquer exterior para explicar a propria decadência, considera os judeus como a causa da sua insegurança, em vez de considerar a situação como sintoma de condições sociais em transformação. E' esse o ponto nuclear do anti-semitismo que será então carregado de fantasias religiosas, raciais e éticas. A perseguição dos judeus é muito mais frequente e intensa nas éras que precedem a revolução ou durante o desenvolvimento da contra-revolução.

A "SINTESE" NACIONAL-SOCIALISTA

"Mas o impulso ao anti-semitismo não pode continuar a ser nacional. Tornou-se economico, racial, internacional: universaliza-se, tendo por base as qualidades supostas no ariano. Contrapõe a esse movimento um estreito nacionalismo sionista só serve para intensificá-lo. Comquanto seja isso aparentemente paradoxal, a forma atual de que assume esse anti-semitismo é intensamente nacional. Torna-se exclusivamente nacional porque o internacionalismo, sob uma forma ou outra, significa a morte do anti-semitismo, quer sob forma do capitalismo internacional, quer sob a forma do socialismo internacional. O anti-semitismo não é senão o producto do simples capitalismo nacional á procura de nova estabilidade, o capitalismo do "cidadão médio", o protegido do nazismo. Ele não poderá competir com o capitalismo, e, portanto recorre á autarquia, apoiando o socialismo quando este anatematiza o capital internacional. Mas tem medo dess'outra força internacional que anuncia uma nova estrutura da sociedade; teme a sua propria sentença de morte, e, por isso, contrapõe um nacionalismo divino que corre do sangue sómente,

e não da razão. Assim, constitue-se a síntese do nacionalismo e do socialismo e torna-se a expressão dos novos dominantes e tudo que é estranho ou inassimilável é expellido: o marxista, o pacifista, o internacionalista, o liberal, o democrata e o judeu — todos devem pular fóra.

A NAÇÃO JUDAICA E A CLASSE OPERARIA

"Como parece não haver esperança para o judeu, sob o presente sistema social, e sendo necessidade vital para o judeu apoiar a classe dominante — uma vez que o capitalismo está no seu declínio, e a classe operaria será a nova classe dominante até que haja uma sociedade sem classes — não seria o caso de toda a comunhão judaica prestar apoio á classe operaria e concorrer para a abolição das condições que tornam possível o anti-semitismo? Não ha duvida de que essa opinião na Inglaterra encontra campo favorável entre os judeus intelectuais e mais jovens".

"No momento em que as massas de judeus apparecem como sustentáculo ativo de transformações revolucionárias na estrutura social existente, as comportas do anti-semitismo seriam abertas e apoiado este por todos os interesses ligados ao Estado. A posição do judeu seria então intolerável, pois ela seria no caso não só individualmente um proletario, mas também membro de uma nação proletaria, uma nação sem patria. Não teria ele á sua disposição organizações de defesa, semelhantes á das classes operarias nacionais, as quais nem mesmo poderiam acudir em seu apoio, pois seriam força insuficiente para uma ação decisiva. O judeu pode esperar que, sob o socialismo, não haverá mais anti-semitismo, mas, se tenta fazer avançar a causa do socialismo, provoca imediatamente o clamor do anti-semita".

E vós, como podeis
calar-vos?Carta aberta
de Stefan
Grossmann
a Gerhart
Hauptmann

Quando ainda o sistema do absolutismo russo estava em plena força, aquêllo velho indomável que foi Leon Tolstoi, ergueu-se e atirou á face do tsarismo uma pagina acusadora: "Não posso calar-me!".

Sabemos, querido mestre Gerhart Hauptmann o quanto admirais a Tolstoi. Entretanto, parece que a admiração ás vezes nasce por contradição e não por semelhança. Neste ultimos meses — querido Hauptmann — toda a Alemanha, — não me refiro aos circulos de agitadores, mas á verdadeira Alemanha que sofre — sentiu profundamente pelo vosso silencio.

Não desconhecemos que vós bem podeis calar-vos. Como poeta, tendes o direito. Todavia, eu creio poder falar em nome de centenas de milhares de homens e mulheres, declarando-vos: esse vosso silencio, neste momento, é uma das mais terríveis decepções que tenhamos provado nesta época dominada pela covardia e pelo egoismo.

Não me refiro a casos pessoais, nem enumerarei aqui os nomes de vossos vellos amigos banidos pelos novos barbaros da cruz gamada. Um compositor julgou seu dever intervir em favor de Max Reinhardt. Vós, Gerhart Hauptmann, não pronunciastes sequer uma palavra para defender o vosso devotado encenador.

Thomas Mann, Alfred Deoblin, Jakob Wassermann foram expulsos da Academia Prussiana — e vós, ficastes ao lado de um Hanne Johst e de outros parecidos. Foram queimados os livros de vossos amigos, foram excluidos da Alemanha os livros de autores consagrados pelo mundo todo, e vós continuastes sempre calado.

Sabemos que há varios anos viveis num isolamento voluntario; mas se julgaís que ninguém merece um compromisso de vossa parte, podia-se pelo menos esperar que havesseis de levantar a voz perante a destruição de tudo o que favorecia a eclosão da literatura alemã. O ministro da propaganda Goebbels, cuja autoridade estende-se a todos os alemães que escrevem, ordenou á literatura alemã que se torne heroica ou desapareça. E vós continuais no silencio, vós que sabeis que a arte não pode viver sinão em liberdade!

Na Alemanha, agora, destruiu-se a literatura por muito tempo. Essa destruição é bem organizada. O heroismo oficial é mostrado em todos os teatros do Reich. "Schlageter", de Hanne Johst, com seu "pathos" de jornaleco, pôde ser representado, graças a essa organização, em trezentas cenas diferentes de uma só vez. Assasina-se o teatro livre. E vós podeis calar-vos!

O que é ainda pior, é a destruição das editoras alemãs. Em todas as casas editorias senta hoje, mandando, de revólver carregado, um commissario de camisa parda. Foram fundadas casas no estrangeiro, na Holanda, na Austria, mas seus livros chegarão até os leitores alemães? Vós, Gerhart Hauptmann, conheceis essas circunstancias melhor do que nós todos: o vosso digno e velho editor Fischer já sentiu o punho de seus novos patrões.

Vós sois Silesiano. Em nenhuma parte, as secções de assalto cometeram tantas brutalidades como na Silesia, ali, onde o autor dos "Tecelões" e de "Hannele" gosava da mais alta autoridade moral. Se a sorte dos amigos da paz, Osietsky e Shoenalch, não vos arranca gritos de indignação, podeis ficar indifferente aos sofrimentos dos operarios silesianos presos e perseguidos?

Temos agora mesmo uma noticia agradável, em Rapallo, acabastes um drama sob forma de lenda, que se passa num mundo irreal. Desejariamos vos felicitar por esse novo trabalho levado

tranquilamente a cabo. Mas o drama do povo alemão preocupa-nos e interessa-nos mais, muito mais, que vossa peça. O fato que podeis vos isolar assim, que podeis viver em socôgo, nestes dias de brutalidade nazista, mostra qual abismo se abriu entre vós e os que vos tinham como um livre representante da Alemanha não militarizada.

Vistes a terrível tragedia da Alemanha e vos conservastes calado, Gerhart Hauptmann! Devemos nós então responder ao silencio pelo silencio, ao esquecimento pelo esquecimento? Devemos então cancelar da nossa memoria esse vosso nome que nos era tão querido?

O Pen-Clube Internacional e autos-defé de Hitler

No recente Congresso Internacional do PEN Clube, que se realizou em Dubrovnik, na Iugoslavia, verificaram-se diversos incidentes.

O PEN-Clube Internacional é uma agremiação de escritores que se compõe de um certo numero de PEN-Clubes nacionais. Os congressos do P. C. Internacional têm por objetivo estreitar os laços de amizade entre os escritores das diversas nações.

Depois da tomada completa do poder por Hitler, o PEN-Clube alemão transformou-se numa associação nacional-socialista. A nova direção designou os delegados ao congresso de Dubrovnik, mas a antiga direção também compareceu ao congresso.

Dai surgiu um conflito immediato entre o "bureau" do congresso presidido por H. G. Wells e a delegação fascista alemã.

Não tendo o bureau do congresso obstado a que Ernest Toller, representante dos escritores alemães emigrados, usasse da palavra, a delegação hitlerista retirou-se rumorosamente, seguida pelos chefes das delegações holandesa e austriaca. Estes, aliás, tomaram tal atitude, sabendo que seus PEN-Clube os desaprovavam.

Depois de se terem verificados outros incidentes, foi aprovada a seguinte resolução, por 10 votos contra 2 e 10 abstenções:

"O congresso do PEN-Club, reunido em Dubrovnik declara que a destruição de livros nacionais e estrangeiros que se verificaram recentemente, é inadmissível e constitui um atentado á liberdade individual dos escritores e dos intelectuais.

"Nós condenamos a repressão que foi exercida contra estes intelectuais e que os obrigou a abandonar seu país.

"Por conseguinte, o Congresso considera que é de seu dever rememorar os nobres principios sobre os quais se funda o PEN-Clube. Se estes principios forem esquecidos, a Federação Internacional dos PEN-Clubes perde toda razão de existir.

Estes principios são os seguintes:

"1.º — Defesa dos direitos do espirito, em todas as circunstancias;
"2.º — Aproximação dos povos, sobretudo no terreno literário;
"3.º — Por conseguinte, condenação de tudo quanto possa constituir obstaculo ao desenvolvimento do espirito e á aproximação dos povos.

"Em particular, nós condenamos todos os preconceitos de raça ou de crença assim como o fanatismo nacional.

"Tais são os principios aos quais os PEN-Clubes, em 1927, em Bruxelas, decidiram de ficar fieis mesmo em tempo de guerra e, com maior razão, em tempo de paz.

E' por isso que os PEN-Clubes exprimem sua dolorosa surpresa pelo que acaba de se passar e, ao mesmo tempo, a esperança de que os membros dos PEN-clubes despenderão os seus melhores esforços para respeitar estes principios.

Tipogr. Frankenthal

Rua José Paulino, 49
Tel. 4-6966

Obrigações — Bonus
Promissórias

C. I. T. A. mantém um excelente serviço de informações sobre valor, vantagens e condições dos titulos públicos.

Fuizei vossos negocios por intermedio de

C. I. T. A. LDA.

Direção de Percy D. Levy
São Paulo — Santos — Rio
Caixa Postal 3740 (S. Paulo)

A PRODUÇÃO METALURGICA AMERICANA

No mês de Abril deste ano, a produção de aço (barras) dos Estados Unidos atingiu 1.334.797 toneladas (de 1.016 kilos) contra 892.153 em Março de 1933 e 1.036.163 em Abril de 1932. A produção média diária elevou-se a 55.392 em Abril de 1933 contra 33.006 em Março. Precisa recuar até Fevereiro de 1932 para encontrar uma cifra mais elevada.

Mesmo tendo-se em conta o fato que a cifra de Março era normalmente baixa, tanto por motivo das férias de Páscoa como da desorganização então causada pela crise bancária, não deixam de causar surpresa as vantagens obtidas em Abril. Em 11 de Maio, THE IRON

AGE calculava que as forjas trabalhavam, em barras, a 31% de sua capacidade de produção. Nesta data, porém, essa porcentagem é ainda mais elevada.

OS CAPITAIS AMERICANOS NA ALEMANHA

Informam de Nova-York que foram publicadas estatísticas segundo as quais os créditos americanos representam 50% do total dos empréstimos externos alemães. Foram emitidos 135 empréstimos alemães nos Estados Unidos, num total de 1.239 milhões de dólares, de que 245 milhões já foram reembolsados.

COMO O FASCISMO
SABE ADMINISTRAR

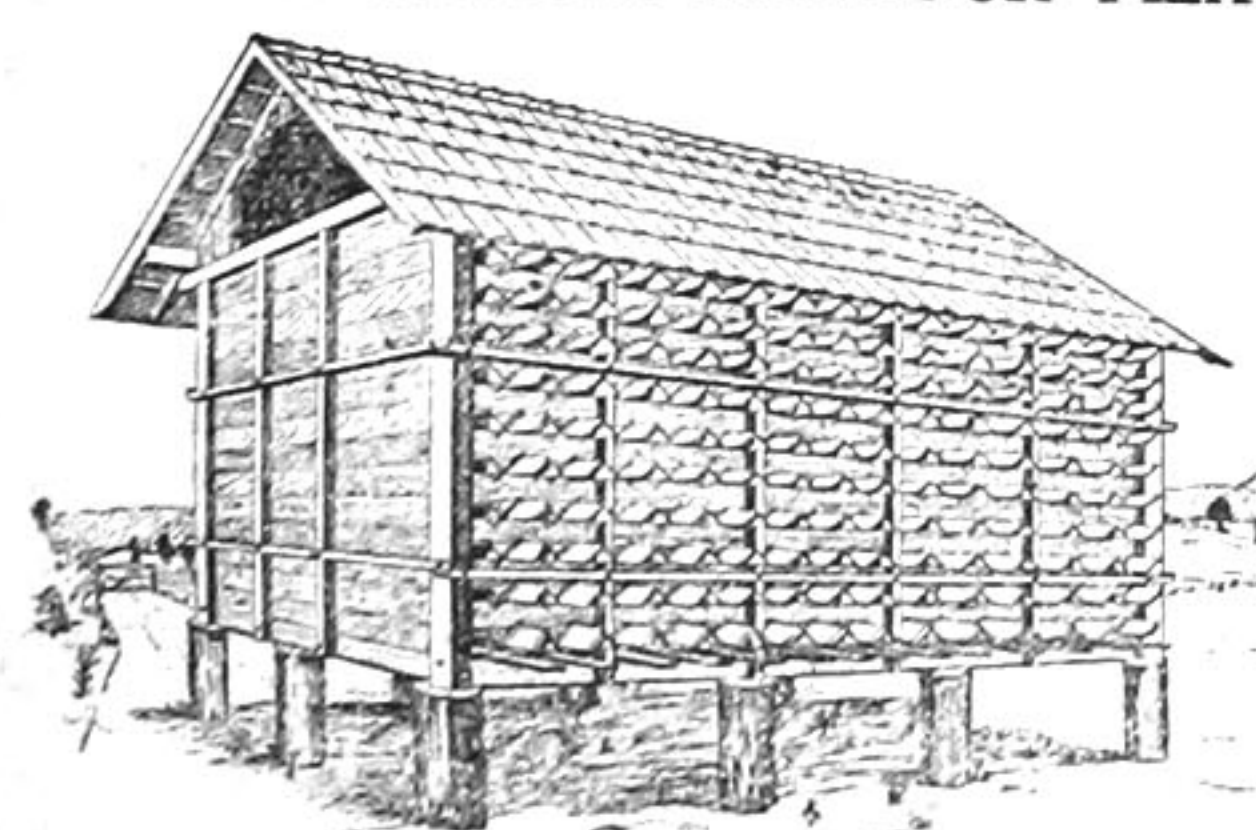
BERLIM, 13 — Corre que a empresa Rudolf Mosse, a qual passara ultimamente, por cessão forçada, a dirigentes nazistas, está em situação financeira extremamente difícil, em consequencia tanto da má gestão de um commissario racista, ha pouco preso como da perda de publico. Os jornais publicados pelo consorcio Mosse dirigiam-se, de fato, de preferença á clientela democratica e israelita.

Drs. Bruno Barbosa
e Silveira Melo

Advogados

Rua São Bento, 58 — 2.º andar
Tel. 2-3780

TULHA SECADEIRA SALVADOR PIZA



Rua Libero Badaró, 30

São Paulo

Manifesto da Frente Unica Anti-Fascista ao Povo do Brasil

Ao proletariado, principal força da população brasileira, contra o qual se levantam as hostes sanguinárias da reação capitalista;

aos trabalhadores de todas as profissões e nacionalidades, que na industria, no comércio e na lavoura, constituem o dinamismo propulsor da economia nacional;

aos marinheiros e aos soldados, aos oficiais inferiores e a todos aqueles que, no Exército e na Marinha, continuam a ansiar pela vitória da grande causa da liberdade;

aos estudantes, aos jornalistas, aos escritores e poetas da nova geração, aos intelectuais que não se contentam nem se corrompem, e acompanham com a sua inteligência e a sua cultura a marcha tumultuosa do desenvolvimento social;

aos industriais, lavradores e comerciantes pobres, vítimas do regime da concorrência mercantil e da acumulação;

às camadas intermediárias da sociedade, que a demagogia fascista procura utilizar na realização dos seus propósitos sombrios;

ao grande povo do Brasil, torturado e perseguido pelo despotismo dos governos reacionários e da plutocracia financeira, através de séculos de miséria e de opressão;

A FRENTE UNICA ANTIFASCISTA

dirige a sua saudação fraternal, na hora mais trágica que a História registra para os destinos de toda a humanidade.

Cidadãos! Homens livres! Companheiros! Camaradas!

No instante épico em que as massas populares de todos os países, sacudidas pelo desespero de uma crise econômica sem exemplo, se lançam denodadamente à luta contra os seus opressores, as forças reacionárias que constituem a reserva política da classe detentora do poder procuram destruir todas as conquistas da liberdade e da democracia, organizando tropas mercenárias recrutadas entre os elementos desclassificados da escola social, com o fim de transformar toda a organização governamental num sistema de banditismo especialmente destinado a arrancar do povo todos os recursos de lutas e de defesa.

Para opor uma barreira de resistência a esse fenômeno mundial que obedece ao denominador comum de FASCISMO, é que se coligaram em São Paulo todos os partidos políticos, sindicatos operários e organizações jornalísticas que continuam a sustentar, nas linhas dos seus programas, a reivindicação da mais ampla liberdade de pensamento, reunião, associação e imprensa, sem restrições de qualquer natureza.

A consolidação do fascismo na Itália, a vitória dos nacional-socialistas alemães e as combinações que, nos diferentes países, se vêm fazendo dos meios legais da democracia com os processos tenebrosos das milícias mussolinianas, tornam cada vez mais premente a necessidade de uma ação comum contra o inimigo que nos ameaça.

No Brasil, si bem esse mesmo fenômeno não resulte diretamente de condições objetivas locais, dado o atraso lamentável em que ainda se encontra o movimento operário, existem, entretanto, outros fatores bastante ponderáveis que nos levam a considerar, não só como prováveis mas como perfeitamente lógicos, o triunfo de uma aventura fascista ou fascizante, si não forem tomadas em tempo as medidas práticas para uma contra-ofensiva. E, verificada a existência desses fatores, entre os quais se encontra, em primeiro plano, o caráter mundial da economia capitalista, determinando, na situação de crise generalizada, a necessidade de uma política mundial correspondente, o baixo grau de organização da massa trabalhadora, diante da repercussão do fenômeno em nosso país, só pode constituir mais um obstáculo à ação de resistência.

O fascismo conta, entre nós, não só com a oportunidade internacional que lhe favorece a expansão, como possui ainda o auxílio moral e material das agências consulares dos países fascistas e dos elementos fascistas estrangeiros que tivemos a desgraça de importar e que o apoiam dentro das suas respectivas colônias. É o que explica o relativo êxito que vem tendo, em vários Estados e no próprio coração da capital da República, a organização de seus bandos militarizados.

Conta, além disso, o fascismo bra-

sileiro com um aliado natural, que o sustentará no momento preciso e que, por sua incontestável influência sobre as camadas retardatárias da população, torna ainda maior a gravidade do problema. Queremos referir-nos à Igreja Católica. Esta, como se sabe, foi sempre uma força reacionária em todas as transformações sociais do passado, colocando-se invariavelmente, como instituição parasitária, ao lado da classe dominante. Daí a necessidade vital para ela, de readaptar-se às novas situações criadas, aproximando-se, depois dos fatos consumados, de cada nova classe detentora do poder. Ora, acontece que no atual estágio do desenvolvimento histórico, a Igreja compreende a impossibilidade de adaptar-se ao sistema social que sucederá ao capitalismo, uma vez que, com o desaparecimento das classes, se tornará praticamente impossível a sobrevivência de toda e qualquer instituição parasitária. Eis porque, continuando, como no passado, a defender sempre a classe que se encontra no poder, a Igreja Católica se vê obrigada a utilizar os recursos extremos, os "remédios heróicos", para a salvação da burguesia. Trata-se ali, para ela, de uma questão de vida ou de morte, pois tem um grande poder de discernimento e uma velha experiência política para compreender, com relativa facilidade, que a questão do desaparecimento do capitalismo está ligada a do seu próprio desaparecimento.

Como vemos, existem condições de ordem política, e mesmo material, a demonstrarem que não são de todos vãos as esperanças dos fascistas brasileiros. E é a consideração desses fatos que põe na ordem do dia, com mais força e oportunidade do que nunca, o problema da luta contra o fascismo.

Entre nós, onde a capacidade de resistência do proletariado revolucionário é ainda muito reduzida, a política de frente única se apresenta, por isso mesmo, como o único recurso de defesa. Esta verdade elementar foi compreendida, ainda em tempo, por um grande número de organizações de São Paulo, que, sem abdicarem dos seus programas próprios e sem perda de sua autonomia e liberdade de crítica, resolveram unir-se, contra o inimigo comum, numa sólida Frente Unica Antifascista, cujos princípios básicos são os seguintes:

"1. — Sob a denominação de Frente Unica Antifascista, coligam-se em São Paulo, sem distinção de credos políticos ou filosóficos, todas as organizações antifascistas, com estes objetivos comuns:

"a) combate às idéias, ao desenvolvimento e à ação do fascismo;

"b) luta pela mais ampla liberdade de pensamento, reunião, associação e imprensa;

"c) reivindicação da garantia do ensino laico e da separação da Igreja do Estado;

"d) formação de um bloco único de ação contra o fascismo.

"2. — Todas as organizações co-

rem entre as organizações, fora da esfera de ação antifascista, nunca poderão servir de motivo para o rompimento da Frente Unica. A estabilidade desta será garantida por um programa comum de ação, em cujo desenvolvimento não se ferirão os pontos de divergência ideológica existentes entre as organizações coligadas".

Cidadãos! Companheiros!

O fascismo significa a miséria, a opressão, o espoliamento das consciências. Começa por destruir todas as organizações do proletariado e acaba por se tornar o senhor absoluto. "Integral", que não respeita ideologias, que não admite divergências. Nem comunistas, nem socialistas, nem anarquistas, nem democratas, poderão existir sob o seu jugo. Fere e amordaça, esmaga e assassina. As escolas, as universidades, a imprensa, as instituições administrativas e científicas. — tudo, sem exceção, obedece ao seu controle e ao seu domínio. Não existe garantia de qualquer espécie, nenhuma segurança se oferece aos cidadãos. Os domicílios são violados, os lares constantemente invadidos para as perseguições. O homem do povo fica reduzido à situação de um animal acorrentado, que não fala, nem pensa, nem escreve, nem trabalha, não sob o chicote dos seus verdugos. A dignidade humana, a fraternidade, a ligação conflante entre os homens, desaparecem. Cada indivíduo vê no seu semelhante um inimigo e um espião que o entregará, na primeira oportunidade, à ferocidade dos governantes. O fascismo é a morte certa para os que protestam e a volta à barbárie para os que ficam. Acima de quaisquer interesses de classe, ele é, essencialmente, desumano e anti-humano.

É o problema da legítima defesa de todo um povo o que se coloca presentemente diante de nós. Lutar contra o fascismo é, no sentido mais literal, lutar pela própria existência.

Cidadãos!

Organizemo-nos, em todo o Brasil, a Frente Unica Antifascista!

Consagremos o dia 14 de Julho como a primeira jornada contra o fascismo internacional!

Lutemos corajosamente, com a nossa consciência e com a nossa vontade, contra o inimigo comum!

Abaixo o fascismo!

Viva a Liberdade!

São Paulo, 14 de Julho de 1933.

A FRENTE UNICA ANTIFASCISTA

A' hora de entrar este numero no prélo, fomos informados de que vários oradores que participaram do comício anti-fascista de 14 de Julho na Lega Lombarda foram detidos pela policia.

Como fazer a propaganda anti-fascista

Continuação da 4a. (pagina)

operario acredita no fascista como acredita no padre ou como pode acreditar no anarquista e no comunista. Somente possuindo as condições materiais que lhe facultassem o gozo de todas as conquistas da civilização e de progresso é que os operarios, coletivamente conseguiriam constituir-se uma cultura suficiente para se pôr em condições de julgar as coisas imediatamente e tirar daí as consequências logicas e necessarias.

O dever dos anti-fascistas no Brasil, é atualmente de esclarecer os operarios sobre o significado do advento do fascismo. Mas isso deve ser feito com os meios mais persuasivos. Empregar violencia de linguagem, de duvidosa seriedade, constitui um erro capital, e é a pior das propagandas que se possa fazer. Depois que o operario ouviu o anti-fascista xingar o fascismo e seus respectivos chefes com a coleção de insultos que todo o mundo sabe de cor, ficará na mesma de antes. Não se creia que os estrilos anti-sonantes sirvam a qualquer coisa. O operario não concorda — e que ainda continue, infelizmente, a maioria — poderá quando muito comover-se, passando para um estado psicológico momentaneo no qual divide sentimentalmente o sentimento de quem escreve ou fala. Mas esse estado de espirito é transitorio; e a realidade das coisas quotidianas, com seu arrastapé constante e implacavel, encarrega-se de o cancelar. Na cabeça do operario não terá ficado nada de substancioso; não se convenceu no profundo da consciencia, porque o que ouviu não foi razão, explicação, demonstração positiva, concreta, eficiente.

Não devemos nunca perder de vista que o operario tem, como todos os outros homens, preconceitos e taras milenares. Ele não é um ser racionalizado, como erradamente julga a maioria dos que dividem as nossas ideias. Esclarecer o operario com uma obra paciente e modesta de todos os dias: eis o que devemos fazer.

F. S.

O "Ras" de Ferrara

O "ras" fascista não é, apenas, um chefe de bando mais ou menos audaz, mais ou menos sanguinario. Representante local de um banditismo de ladrocinhas, o "ras" fascista considera a sua ação politica como um meio para enriquecer, enquanto assegura os interesses de seus financiadores contra as ameaças da revolução plebeia. A potencia que o "ras" adquire — por direito de conquista — perante os cidadãos submissos e perante as proprias autoridades, não teria para ele, que não tem ideais, conciencia nem escrúpulos, nenhum valor se lhe não servisse para enriquecer-se.

O "Ras" de Ferrara, Italo Balbo, é um dos exemplos do que afirmamos.

Em recente publicação a "Adunata dei Refrattari" descreve como o chefe fascista conseguiu acumular o ouro de que dispõe, hoje, às mancheiras.

Quando os agrarios do Vale do Po, nos fins de 1920, encorajados pela vitória dos industriais no conflito da ocupação das fabricas e pela astucia montanheza de Giolitti, começaram a gastar dinheiro com os car-

niceiros de suburra afim de que estes os desembaraçassem dos socialistas, já intoleráveis, e incapazes de resistencia e de fé, Italo Balbo era um republicano desempregado, sem recursos de familia, dono de um diploma obtido... na guerra, e tinha à sua frente, a perspectiva de uma carreira pobre, monotona e provinciana.

Converteu-se ao fascismo depois de um contrato com os primeiros fascistas de Ferrara, mediante o qual se tornava redator do "Balilla" — órgão federal — a 1.500 liras por mês.

Ao par da sua fortuna politica, progrediu a sua fortuna monetaria. A "marcha" consolidou as duas fortunas; um casamento rico colocou-o definitivamente no seio da aristocracia do regime.

Em 1924, antes que o assassinio de Matteotti e o escandaloso processo contra a "Voz Republicana" denunciassem as manchas de sangue sobre os mãos do "ras", Italo Balbo percebia os seguintes ordenados controlados: 26.000 liras por ano como "generalissimo" da milicia; 15.000 como deputado; 18.000 como

membro do conselho diretivo da "Reunione Adriatica di Sicurtà" 34.000 como quota dos dividendos que cabiam a cada um dos membros do mesmo Conselho. Total: Liras, 93.000 de renda controlavel!!!

Quanto à renda incontrolavel isto só é possível saber: Italo Balbo, que ha treze anos não tinha um vintém e nem futuro, hoje tem dinheiro às carradas. E, dado que como general, ministro e aviador nada se produz, as suas riquezas não têm outra proveniencia que a da fraude e do roubo.

Voltando a Ferrara depois do escandalo que o denunciara como assassino e espancador imune da lei comum, fundou um jornal no estylo do órgão de Farinacci, o "ras" de Cremona.

Em Ferrara nunca existiu um jornal quotidiano de grande circulação. Quem quizesse ler um jornal apenas digno desse nome, devia recorrer ao "Avvenire" e ao "Carlino" de Bolonha.

O ras de Ferrara depois de tornar-se proprietário do "Corriere Padano", o impoz ao publico dos jornais de Bolonha, não somente nos arredores de Ferrara, mas na mesma cidade de Bolonha, obtendo da administração da estrada de ferro uma modificação dos horarios da manhã, de sorte que o "Corriere Padano" chegasse em Bolonha contemporaneamente à saída dos jornais locais — os quais, apesar de serem fascistas da "primeira hora" são, naturalmente, menos autorizados do que o órgão pessoal do "generalissimo" Italo Balbo.

Italo Balbo, Ras de Ferrara, tem, certamente, as mãos em todas as grandes empresas da provincia. Uma destas é a sociedade "Bonifiche Ferraresi", falida, e de que Italo Balbo era conselheiro fiscal, ganhando 100.000 liras por ano.

O aviador possuia, até a assembleia geral de 1930 um pacote de ações desta sociedade. Compradas? Doadas? O que se sabe de certo é que assim que compreendeu que a sociedade ia indo para a falencia, o "ras" vendeu às pressas as suas ações por 350 liras cada uma, realizando mais de 2 milhões de liras.

Além disso, comprou, da sociedade "Bonifiche Ferraresi" — conforme uma correspondencia recebida pelo jornal "La Libertà" em 24 de outubro de 1930 — uma granja no valor de liras 3.800.000 — "pagos à vista".

Do exame e controle dos negocios desta sociedade, porém, resultou que tal importancia jamais entrara em caixa.

O escandalo foi abafado... por todos os lados, mas ainda continua, a notar-se, em certas occasiões, uma "escapada". Agora parece que uma sociedade subsidiaria da falida "Bonifiche Ferraresi" — a "Società Imprese e Costruzioni Agricole di Ferrara" — se encontra enredilhada por uma trama de cerca de 1 milhão recebido por emprestimo do Instituto de Credito dos Trabalhos para o Exterior sem garantia adequada, o que significa, que foi emprestado por pressões que se não partem do Ras de Ferrara, partem de seu irmão.

Os papas da decadencia tinham sobrinhos — e filhos. A aristocracia do fascismo criou a instituição do "irmão".

Arnaldo fez a fortuna da dinastia Mussolini.

O contador Edmundo está atende-

do às fortunas da dinastia Balbo. Foi necessario tambem de oleo de ricino — ordenado pelo irmão — para converter o contador Edmundo Balbo ao fascismo. Mas a conversão verificou-se radical e completa.

"Este irmão — escreve "La Libertà" de 6 de abril — gerencia a fortuna familiar. Não faz "politica" — "administra".